

## Um poeta pernambucano: Manuel Bandeira

*Acerca de Manuel Bandeira, o poeta pernambucano cujos versos estão a enriquecer a poesia brasileira de uma beleza toda nova de acentos e de vozes e de um frescor todo íntimo de emoção, escreveu o Sr. Joaquim Cardozo para o "Diário de Pernambuco" o pequeno estudo que se segue. É um estudo carinhosamente feito com simpatia e penetração. De uma viva sensitividade, é Joaquim Cardozo um dos poetas jovens mais interessantes de Pernambuco.*<sup>?</sup>

De Manuel Bandeira, maravilhoso temperamento de poeta novo, até ontem quase desconhecido em Pernambuco, apesar de aqui ter nascido e vivido alguns anos, e que em boa hora a distinta "disease" Margarida Lopes de Almeida revelou à nossa gente, fazendo-se aplaudir nos *Sinos*, muito se tem falado; na comovedora melancolia, na tristeza deste homem doente, tristeza que impressiona, se aprende e se lastima à mais ligeira leitura dos seus livros. Poesia feita de "mágoa, de desalento, de desencanto" é na verdade a deste poeta amargurado, e além disso, versos formados no mais agudo individualismo, até mesmo aqueles do *Carnaval* cuja impersonalidade aparente apenas acentua o relevo pessoal numa criação simbólica. No entanto, se a melancolia é o estilo de Manuel Bandeira, o seu sentimento expressivo das cousas, a fatal contingência da sua força emotiva, diversos são os ritmos que caracterizam os seus três livros *Cinza das Horas*, *Carnaval* e *Ritmo Dissoluto* ultimamente enfeixados num único volume.

No primeiro destes, *Cinza das Horas*, publicado em 1917, onde qualquer coisa da alma comovida de Antonio Nobre paira religiosa e serena como o reflexo da Bondade de Deus no êxtase de um santo, há a poesia de um angustiado que procura a consolação no amor e na paisagem onde a inteligência se dispersa na retenção de modalidades impressivas:

*– As grandes mãos da sombra evangélicas pensam  
as feridas que a vida abriu em cada peito*

uma consolação abstrata cheia de vagas incertezas e tristes pressentimentos.

*Até que te surpreenda a carne dolorida  
aquela sensação final de eterno frio,  
Abre-te à luz do sol que à alegria convida,  
E enche-te de canções, ó coração vazio*

mal percebida nas vozes simultâneas que vêm da sombra.

*Um carneiro bale.  
Ouvem-se pios funerais  
.....  
Os tanoeiros do brejo  
Malham nos aguçais  
.....*

---

<sup>?</sup> A nota de apresentação é de autoria do escritor Gilberto Freyre, de acordo com informação prestada pelo escritor Edson Nery da Fonseca.

*E o luar úmido... fino...  
Amávio... tutelar...  
Anima e transfigura a solidão cheia de vozes*

entrevista numa esperança de cura

*E tudo isto vem de vós, Mãe Natureza!  
Vós que cicatrizais minha velha ferida.*

Assim como a natureza com o enternecido encanto dos rumores distantes e a música misteriosa das águas, o Amor também lhe proporciona momentos de verdadeiro conforto espiritual e neste sentido todos os poemas, ferindo a mesma nota melancólica, estão repassados de uma ternura inconfundível “bendizendo o amor que Deus lhe deu” como um “dom sagrado, o “único para o seu coração” e de uma freqüente e saudosa lembrança do tempo de menino, falando da esperança como a “ama de todos os mortais”, notando que “ainda perdura no coração da irmã o seu afeto de criança”, sentindo sangrar tudo que há nele de infantil quando escreve aquela *Elegia para minha mãe*.

Nem sempre, porém, o poeta alcança este contentamento, este alívio triste e vago. Assim, por vezes confundindo a lembrança das afeições mais caras ao ambiente que o envolve, enche-se de desânimo, julga-se desamparado e esquecido, fala com repugnância do passado e da saudade, odeia a solidão e o silêncio:

*O tempo... Horas de horror e tédio da memória.  
Ah! Quem mo reduzira ao minuto que passa.*

Ou abandonando a sua grande sensibilidade interior se apraz em fazer ironia, num esforço difícil de se tornar alegre, e escreve *O luar inútil, Poemeto irônico*. No entanto, este humorismo não consegue esconder a dolorosa mágoa que domina e freqüenta a grande alma contemplativa que ele possui e sente vibrar no segredo harmonioso da vida.

Livro de fina espiritualidade, de vivo contacto amoral com a natureza, flor estranha de graça e de amor é o primeiro livro deste poeta bizarro.

*Um sorriso*

*Vinha caindo a tarde. Era um poente de agosto.  
A sombra já enoitava as moitas. A umidade  
Aveludava o musgo. E tanta suavidade  
Havia, de fazer chorar nesse sol posto.*

*A vibração do oceano acariciava o rosto  
Como incorpóreas mãos. Fosse mágoa ou saudade,  
Tu olhavas, sem ver, os vales e a cidade.  
– Foi então que senti sorrir o meu desgosto...*

*Ao fundo o mar batia a crista dos escolhos...  
Depois o céu... E mar e céus, azuis, dir-se-ia...  
Prolongarem a cor ingênua de teus olhos...*

*A paisagem ficou espiritualizada.  
Tinha adquirido uma alma. E uma nova poesia  
Desceu do céu, subiu do mar, cantou na estrada...*

A ânsia de alegria ardentemente desejada que, nesta análise da poesia de Manuel Bandeira, já fiz notar no primeiro livro, se desenvolve e amplia no segundo, *Carnaval*, onde na posse de uma maior liberdade de técnica (notam-se nele muitos versos inteiramente livres) descreve com certa impetuosidade o amor material, viciado, diabólico; num desejo fremente de abafar e ocultar a sua alma dolorida e desalentada.

Alegria nervosa e ilusória que ele busca ansiosamente e que lhe foge como o encanto das sereias passa no grande destino desesperado de Lenau.

No entanto, vestido de Pierrot, a cara pintada de bistre e alvaiade, desejando, querendo ser alegre, o poeta não faz do seu *Carnaval* uma festa da alegria coletiva, expansão vertiginosa das multidões que se deslocam e se embaralham num desejo de mútua penetração, numa necessidade de sentimento unânime, alegria que se goza a hora marcada, sem evocações e sem lembranças, vagando à superfície das sensações brutas, à sorte dos imprevistos e da aventura, alegria de paixões instantâneas e entusiasmos efêmeros.

Este *Carnaval*, que daria a um poeta mais dominado pelas impressões diretas um poema de ação simultânea e geral, tem no poeta dos *Sinos* um caráter fragmentário e analítico, apanhado na complexidade da vida cotidiana; é a história trágica diurna e noturna de todos os vícios e de todas as nevroses, é a sua própria ilusão da alegria; prazeres artificiais, almas postiças, máscaras sombrias dos decadentes e degenerados. E isto é escrito e sentido de tal forma sutil que muitas composições do livro parecem fugir a esta perspectiva, tão aparentemente dispersiva a natureza dos assuntos.

O soneto *Verdes mares* é um flagrante carnavalesco, carnavalescas são a *Vulgívaga* e ironia eterna de *Menipo*. A morte fantasia-se de dama branca e aparece sorrindo ao poeta, corporizando a imagem subjetiva de uma grande dor sofrida, guardada por muitos anos na memória, conservada com a força de uma superstição cristalizada na memória.

Carnaval (...) da vida cotidiana, alegria mentirosa, refúgio das almas simples e ingênuas, Pierrot, Pierrete, Colombina e Arlequim, eterna e monótona ironia da Felicidade.

Pierrot neste livro é um símbolo estranho, um símbolo de fé, de esperança, de humildade, é o homem vencido, desprezado, cujas aspirações se abismam, que se deixa empolgar pelos vícios ruinosos, subitamente reintegrado na vida sedutora, pária que surge homem forte para a luta e diante do destino.

*Ele que estava de rastros  
Pula e tão alto se eleva  
Como se fosse na treva  
Romper a esfera dos astros!..*

Este Pierrot lembra o *Clown* de Banville.

*Ce clown saute si haut  
Qu'il creva le plafond de toile  
.....  
et le coeur dévoré d'amour  
alla rouler dans les étoiles.*

No clown porém está a ânsia sempre renovada de alcançar, de atingir mais, cada vez mais pela força interior, pelo valor espontâneo e próprio; Pierrot é a validade concreta de um insucesso que afina, modela, espiritualiza a alma sequiosa de seduções materiais, tornando-a sonhadora, edificando-a, iniciando-a numa moral religiosa.

Esse é o Pierrot da canção das lágrimas que passa dolorosamente cheio de sonho e de desgraça e que se acolhe sofredor, místico e resignado, à alma tristemente lírica das rimas e da música.

Além disso, o clown, homem de músculos elásticos, de esgares funambulescos, criação ridículo-trágica do humorismo inglês, é a ação desenvolvida e ágil, saltando sobre trampolim, e trapézios, numa exibição de atitudes que se dinamizam. Pierrot é o espírito, a elegância e a graça, preciosa, envolvente e amável como o criou Willete, como o pintou Watteau.

Mas desta expressão inicial que transformações deram-lhe uma história infeliz, fizeram-no triste e desventurado. Manuel Bandeira envolveu-o num ar de bondade e de desprendimento místico.

Este *Carnaval* assim sem multidão, sem música barulhenta, ruidosa, estonteante, *Carnaval* que ele pesquisou na sua vida interior como bem confessa no último trabalho do livro, se lhe deu a criação mística de Pierrot não teve poder expressivo para explicar a liturgia, a religiosidade dos gestos, das danças, das fisionomias, das gentes que vão de noite como em procissão pelas ruas, satisfeitas porque conseguiram ser alegres, à luz das lâmpadas que enlivedescem os rostos cansados, ao som do batuque bárbaro dos ranchos e cordões, vestidas de todas as cores como numa volúpia de liberdade, da liberdade de se criar um tipo próprio e isolado, livre das leis da moda, livre dos costumes prosaicos de todos os dias.

Mas se lhe falta este grande aspecto místico está muito longe, todavia, daquele *Carnaval* sarcástico e trocista, sensual e grosseiro de Gavami; é menos irônico e mais diabólico.

Desse *Carnaval* subjetivo ao *Ritmo Dissoluto*, saindo do realismo artificial, o poeta volta ao espiritualismo da *Cinza das Horas*, porém de uma feição diversa, mais comovente, mais suave, cheio de segredos e de confidências, o ouvido atento espreitando os ruídos que vêm de fora, murmúrio d'água, voz de sinos, clamor do mar, como se todas as cousas, a natureza toda sofresse com ele a mesma dor, descobrindo uma música em tudo, sentindo a música do próprio silêncio:

*Do silêncio musical, cheio  
De sentido místico e grave,  
Ferindo a alma de um enleio  
Mortalmente agudo e suave.*

*Ah, tão suave e tão agudo!  
Parecia que a morte vinha...  
Era o silêncio que diz tudo  
O que a intuição mal adivinha...*

Nos versos deste livro há o quer que seja de religioso e de santo, uma piedade cristã que afaga, envolve as cousas, que sonoriza todos os ruídos, uma bondade infantil e meiga.

Aliás, este sentimento infantil enche as páginas do *Ritmo Dissoluto*, em que o poder emotivo, libertando-se dos velhos moldes da poesia, infunde no poeta uma sensibilidade nova, longe das idéias gerais, das idéias comuns e assisadas da gente grande; é o menino que quer, que sente, que fala, não atende às leis, nem aos conselhos do bom senso e deixa crescer, brilhar a individualidade pelo prazer intuitivo e pela harmonia dos sentidos.

Pobre menino doente a olhar através da vidraça os balõezinhos que sobem, os pequenos vendedores de carvão, as carroças de leite, os sapos e os vaga-lumes, a observar na rua pequenos detalhes desprezados, quase impercebidos como qualquer garoto se volta para apanhar um objeto insignificante abandonado no chão; esse olhar amoroso para as cousas esquecidas, esse interesse pela ingenuidade dos brinquedos se vêem em *Noite Morta, Na Rua do Sabão, Meninos Carvoeiros, Balõezinhos*.

Em *A Mata* é o desejo de saber tudo, a vontade de compreender os ruídos das cousas vendo na agitação das árvores uma multidão em delírio.

A *Balada de Santa Maria Egípcíaca*, que desprezando as leis conserva, entretanto o espírito deste velho sistema político, é a história contada com uma clara ingenuidade de criança, com esse ar de estranheza e de candura de quem começa a discernir entre o bem e o mal e nessa iniciação toma-se de uma inquietação.

É quando na tarde que desce os sinos batem claros, lentos e graves:

*Sino de Belém  
Sino da Paixão...*

O som dos sinos é para o poeta unicamente o ritmo das pancadas, música evocadora e mágica que enche a alma e faz vibrar toda a paisagem. Livros que cantam, sinos que dobram, continuamente por toda a vida.

A música dos sinos que vem pelo ar lembrando os seus mortos queridos, sua mãe, sua irmã, é como uma carícia material à sua triste felicidade resignada:

*Que mais a vida me pode dar  
Tenho vontade de me matar  
Sou tão feliz.*

Com este espírito infantil muitas das poesias de Manuel Bandeira estão impregnadas de uma volúpia de ser triste, de uma satisfação prazente do sofrimento; no *Gesso*, no *Soneto* há ainda um certo intimismo que em nada se assemelha ao de François Coppée porque é mais íntimo e mais discreto, é a alma de um homem silenciosa e mansa que empresta aos objetos mais familiares uma confortante qualidade moral fazendo-os sofrer e viver.

Ah! Esta volúpia amarga de viver, esta “tristeza dos que perderam o gosto de viver” e que em tudo e acima de tudo adoram a vida!

*O que eu adoro em tua natureza  
Não é o profundo instinto maternal  
Em teu flanco aberto como uma ferida.  
Nem a tua pureza. Nem a tua impureza..  
O que eu adoro em ti – lastima-me e consola-me!  
O que eu adoro em ti, é a vida.*

Mas o poeta ouve na sombra o murmúrio d’água, som tão freqüente aos seus ouvidos, e ele diz que a “vida passa, que passa e a mocidade vai acabar; e vem a noite mansa, a noite vem e a morte se aproxima”; e dentro da noite e perto da morte sente-se a alma do poeta brilhar como uma luz viva na treva.

Antes de adotar a inteira liberdade do verso moderno, de abandonar a rima e a métrica já a poesia de Manuel Bandeira possuía desde o primeiro livro um espírito original e independente, algo de irreconciliável com o estabelecido até então e que lembrava de alguma forma a influência do valor intuitivo nas obras artísticas, este valor que levado ao exagero e calcado no “consciente” de Hartman produziu os poemas de Tristan Tzara, os desenhos de Picabia e, em suma, toda a falange destes incompreensíveis e simpáticos “Dadas”.

Há frequência de trabalho intuitivo na maioria dos seus últimos versos de que *Os sinos* são um exemplo frisante – poema musical escrito para o prazer intelectual de interpretação entre os leitores; é o sino de Belém alegre que bate pelos batizados, é o sino da Paixão dobrando pelos que morreram, é o sino do Bomfim, íntima repercussão da voz do sino.

E esta intuição caracteriza-se nele pelo particularismo de sua visão infantil, conhecida como é a liberdade, a intransigência e o trabalho meticuloso da observação pitoresca entre os meninos, sem o recurso de idéias eruditas, exprimindo apenas a maneira de ver pessoal, sem o recurso quase sempre ordenado, uniforme e metódico das inteligências cultivadas.

Porém isto não equivale a dizer que a arte de Manuel Bandeira não tenha método e que a sua inteligência não seja cultivada, apenas que o seu método e a sua cultura não prejudicam a sua interessante faculdade de sentir e não destruíram a sua voluntariosa apreensão infantil.

As incoerências notadas nos seus poemas, as oscilações de sentimento, a música opulenta da sua frase, as felizes e novas associações de adjetivos revelam o trabalho conjunto da inteligência e da intuição.

É o que se poderia chamar “surenfance”, tomando o termo de empréstimo a Jean Cassou.

1925